

Filhos de escanteio

Estava olhando lâmpadas para a casa num determinado supermercado da cidade. Às minhas costas havia um senhor reclamando. Parecia falar sozinho. Bom - pensei eu - talvez seja um maluco mesmo. Passaram-se alguns segundos e olhei ao lado. Vi um jovem que parecia estar com ele. Era seu filho, um jovem adolescente. Dali a pouco ouço o senhor comentando para o garoto algo como: "Você veio pedindo dica para passar de ano, eu lhe dei e você deixou a por** do ano passar. Você é um filho da p*** mesmo" e, reclamando, disse algumas coisas mais.

Meio maluco esse senhor com certeza é. Talvez seja alcoólatra. E antes que associem alcoolismo com renda, eu estava num supermercado frequentado notavelmente pelas classes A e B. E esse senhor não aparentava ser pobre. Mas, enfim, permanece o fato objetivo: a relação desse pai para com seu filho.

Logo pensei no que este jovem iria se tornar recebendo uma educação assim. Desde o início reparei que o garoto tinha um perfil meio deprimido, ou de baixa auto-estima. Momentos depois, já em outra seção do supermercado, pude cruzar com ambos novamente e confirmei tal perfil: cabisbaixo, pouco ânimo e retraído. Evidentemente, não dá para saber o que se passa naquela família e não se pode julgá-los. Pode ser também que estavam num dia mal, mas acho difícil. Dada a "naturalidade" com que o senhor tratava o garoto daquele modo, isso dava a entender que aquele tipo de situação não era algo muito raro em suas vidas.

O ponto, porém, é que essa situação que acabo de descrever fez-me pensar em como diversos pais têm tratado e educado seus filhos nos dias de hoje. Um modo é justamente o que aparentemente vi nesse senhor. É como se o "velho" tivesse a obrigação de dar o sustento e a vestimenta que isso só já estaria OK. Quantos pais não são assim com seus filhos hoje?! Tratam seus filhos e filhas à semelhança de um animalzinho: o importante é dar de comer, beber e vestir. Claro que, além disso, os colocam na escola e lhes propiciam de algum modo o lazer.

No entanto, olhando de certo ponto de vista, parece que estão a educar um animal de zoológico: o importante é dar aos filhos elementos para a sua "sobrevivência": comida, bebida, escola e divertimento, mesmo porque, assim, a "fera" ficaria - repito, ficaria - "domada". Dando isso aos filhos, os pais poderiam ficar em "paz".

Não é preciso haver estupidez para que o tipo de educação que acabo de rascunhar se realize. Muitas vezes certos pais não são estúpidos, mas mesmo assim tratam seus filhos quase como se fossem animaizinhos. Assim, pais preocupam-se e se ocupam sobremodo consigo mesmos, só pensando em si mesmos, de tal modo que aos filhos restam elementos para a sua "sobrevivência". Dão o necessário e estão até fisicamente presentes, mas espiritualmente ausentes para os filhos, por assim dizer. Estes, por sua vez, são deixados aos mais variados tipos de entretenimento: videogames, séries televisivas, Internet, celular, assim como outras ocupações, a exemplo do esporte. Alimentação, vestimenta etc. estão garantidos..., mas será que está havendo boa educação e amor genuíno, de doação de si próprios aos filhos? Ou os próprios interesses, hobbies, trabalhos etc. estão de tal modo tomando espaço que os filhos ficam de escanteio?

Penso que muitos pais não têm consciência clara disso, embora eu possa estar enganado nisso e em todo o restante que acabo de descrever. Acontece que, nessa mentalidade, bastaria satisfazer os

sentidos e dar o necessário que a educação e a formação estariam prontas. No entanto, somos muito mais do que nossa sensibilidade, mais do que a educação formal que recebemos e mais do que aquilo com que nos ocupamos. De nada adianta dar de comer e beber, de nada adianta colocar na escola e em outras ocupações, se não se gasta tempo com os filhos para estar presente com eles, para se doar a eles gratuitamente. Com os pais pensando só em si próprios, restando pouco espaço para os filhos, estes ficam tristemente de escanteio, sofrem e fazem sofrer.

João Toniolo é mestre e doutorando em Filosofia e membro do IFE Campinas. E-mail: joaotoniolo@ife.org.br.

Artigo originalmente publicado no jornal *Correio Popular*, Edição de 3 de Abril de 2019, Página A2 - Opinião.

Um não sei que especial

O dia 26 de julho, desde muitos séculos foi estabelecido na liturgia da Igreja como a celebração da memória de São Joaquim e Santa Ana, pais de Maria e, portanto avós de Jesus Cristo. Desta memória litúrgica nasceu a comemoração do Dia dos Avós.

Convivi alguns anos com meus avós maternos, os paternos já haviam falecido antes mesmo que meu pai tivesse se casado e ao longo de minha vida fui me deparando com muita gente mais vivida que ocupou um pouco esse posto de avô ou avó. Meus avós maternos eram gente muito simples, nasceram e viveram sua vida toda na pequena cidade mineira de Andradas, de onde saíram poucas vezes. Eram figuras veneradas por mim e tinham um “não sei que” de especial que desde menino me fazia querê-los muito bem e desejar estar com eles, em especial para ouvir as histórias que contavam do tempo em que viveram na roça, quando minha mãe ou meus tios nasceram, o que faziam, que dificuldades passaram... Não falavam muito, mas ainda assim me sentia amado por eles e ouvir isso verbalmente pouco me importava.

Muita gente distingue o amor “afetivo” do amor “efetivo” e há muito de verdade nesse tipo de distinção. Lembro-me de meu avô que foi agricultor a vida toda, taciturno, observava tudo, não tinha o costume de fazer carinho ou coisa do tipo, mas sabia que eu gostava muito de café e quando ia beber o seu já tirava do armário uma xícara a mais e me avisava que ia tomar seu café. Isso já era o suficiente para que eu entendesse que ele me queria bem.

Minha avó preocupava-se em me fazer comer o tempo todo e em me arranjar do melhor modo para poder dormir ou brincar na sua casa. Minha mãe, como quase toda mãe, julgava que eu abusava dessa bondade querendo sempre que possível ir passar uns dias na casa deles e, não raro, me advertia que não deveria aceitar nenhum convite para passar muito tempo por lá, porém, a cada uma das férias escolares que se avizinhavam, mesmo com as negativas de minha mãe, no fundo eu sempre esperava por aquela visita na casa de meus avós, no qual minha avó acabava perguntando em público, diante de toda família, quando eu iria passar uns dias por lá. Nunca combinei nada com ela e nem teria coragem de fazê-lo, mas como que numa cumplicidade inconsciente a pergunta

sempre vinha precisa e certa, quase constringendo meus pais a permitirem que eu ficasse um tempo por ali. Mesmo sabendo que meus pais não gostariam que aceitasse, eu nunca recusava.

Minha relação com meus avós sempre foi desse amor efetivo, sem muitas palavras, sem muitos afetos exteriorizados, mas algo simples, direto e claro. Eles sabiam que eu os amava, mesmo sem eu nunca ter lhes dito e o mesmo ocorria comigo. Meu avô morreu numa dessas minhas visitas de férias. Era janeiro, as aulas ainda demorariam a começar. Em maio do ano seguinte foi a vez de minha avó. Com a morte de ambos as férias já não eram mais iguais, mas a memória de ambos me fazia pensar no quanto foi bom tê-los por um tempo, porque de todas as histórias que eu ouvia de minha mãe, incluindo as correções severas de que ela e meus tios foram alvo, essas eram coisas que nunca tinham acontecido comigo e que talvez o afeto que meus avós não souberam ou não puderam lhes dar, foi de certo modo direcionado a mim e aos outros netos, como que numa reserva de amor que era para os filhos, mas que as dificuldades da vida os levaram a oferecer a nós, felizes receptores daquilo que faltou a nossos pais.

Enquanto finalizo estas linhas, vejo se repetir na vida de minha filhinha, ainda bebê, um pouco de minha história: o avô paterno dela também se foi antes que eu casasse, mas ainda que o uso da razão de modo pleno lhe escape, hoje foi dia de levá-la pela primeira vez ao túmulo de seu avô para lhe dizer que ali estava alguém que me ensinou a como ser pai. Celebremos alegremente a vida dos avós que se foram, daqueles que estão conosco e as marcas indeléveis que o convívio com eles imprime em nossas vidas!

L. Raphael Tonon é professor de História, Filosofia e Ensino Religioso, gestor do Núcleo de Teologia do IFE Campinas (raphaeltonon@ife.org.br).

Artigo publicado no jornal Correio Popular, edição 26/07/2017, Página A-2, Opinião.

Fidelidade intransigente

O que um dia foi um casal entrou pela porta da sala de audiências. Ele, o autor de uma ação de conversão de separação judicial em divórcio, acompanhado de seu advogado. Ela, sozinha nessa primeira tentativa de conciliação. Os dois aparentando estar perto dos 70 anos. Documentos conferidos, na tela do computador o termo de acordo quase pronto. Todos os bens já divididos, todos os filhos já maiores, mais de um ano desde a separação. Requisitos presentes, caso fácil, acordo certo. Só homologar e “jogar” para a estatística.

Havia, porém, qualquer coisa no ar. Talvez algum resquício de remorso ou as lembranças inevitáveis de uma vida passada juntos. O arrependimento insinuando-se entre culpas, o rancor entre as feridas. Quando, então, coube-me perguntar: “há possibilidade de reconciliação?”. Artificial e legalista. Mais de trinta anos... Sob olhares quase mudos, concluí em voz alta dirigindo-me ao escrevente: “reconciliação infrutífera”. A lei estava cumprida. A pior parte resolvida. Rumo ao acordo.

Acordo? Impossível. A senhora se negava a assinar, não queria o divórcio. Instante inesperado. Expliquei-lhe a norma, o protocolo, o processo. Ante a presença dos requisitos, a lei é a lei. Quando percebi que tremia, tremia muito ao falar e mover os braços. Estava aflita e sofria. Estranhei que, até aquele momento, ignorava completamente esse fato. Realmente eu ainda não os havia notado.

Pela primeira vez li os nomes na capa do processo. E os vi, os dois, o casal e a sua tragédia. Li nos seus rostos a crise, as brigas, a dor da separação, o desespero dos filhos. Pela primeira vez desde o início da audiência, que parecia tão certa, tão óbvia. Qualquer coisa foi dita sobre traição, outra mulher. A senhora tremia, insistindo que não queria o acordo. Pouco importava a demora, pouco importava o que fizesse o juiz depois de alguns meses. “Eu não assinarei”.

Perguntei-lhe, então, o porquê. Ela levou as mãos trêmulas à bolsa e retirou uma Bíblia. Levantando-a em punho disse com firmeza: “Por isso!”. O advogado da parte contrária disfarçou um riso sádico (talvez mais tarde, na roda dos amigos...). O escrevente percebeu e também riu, demonstrando certa impaciência ante a atitude tão descabida. O marido tinha os olhos atentos e calados. Por um instante me surpreendi com a sua coragem. A sensação de estar diante de um milagre ou, pelo menos, de uma manifestação do Espírito. Agradei.

Mas, em seguida, uma grande angústia atropelou a surpresa. A obrigação de ofício me levou a explicar a divisão das competências, a diferenciar o civil do religioso. Em minha mente, pensava na laicidade do Estado e na constituição laica clamando a proteção de Deus. Pensava na doutrina social da Igreja, no reinado social de Cristo. Lembrava os crucifixos retirados das repartições públicas. Ela sorriu para mim, com a Bíblia nas mãos (como um mártir?). O livro todo num único versículo: “dai a César...”.

Então, calei-me e ela suspeitou que lhe dava razão. Compreendeu a explicação, mas insistiu em não assinar. O juiz que o fizesse. Ela não, não podia. “O senhor compreende, eu não posso, mesmo assim, não posso, minha consciência”. Guardou o livro sagrado novamente na bolsa e teve a sua vontade atendida. O acordo infrutífero, a audiência encerrada. Colhemos as assinaturas em silêncio e a ata foi afixada aos autos. Estávamos livres do rito.

No entanto, o diploma, o bacharelado parecia pesar-me sobre as costas. Minha assinatura no papel, as minhas roupas, a faculdade, os livros jurídicos, o prédio do Fórum. Sentiame culpado, como um cúmplice. Por fim, despedi-me das partes, interrompendo a divagação. Era necessário me recompor e prosseguir com o restante das audiências do dia.

■■ **João Marcelo Sarkis** é advogado, gestor do núcleo de Direito do IFE Campinas.

Publicado no jornal *Correio Popular*, dia 29 de Agosto de 2014, Página A2 - Opinião.

Tags: Amor, Educação, Egoísmo, Filhos, Pais,

Fonte: IFE Campinas. Disponível em: <http://ife.org.br/filhos-de-escanteio-joao-toniolo/>